



UM DIÁLOGO SOBRE AS MULHERES A PARTIR DE FREIRE

Isaura Isabel Conte¹

Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul (UNIJUI)

isauraconte@yahoo.com.br

RESUMO:

Este artigo faz uma abordagem sobre o reconhecimento das mulheres em Freire a partir do encontro das obras *Pedagogia do Oprimido*, *Pedagogia da Autonomia* e *Pedagogia da Esperança*. São trazidas reflexões acerca de como a linguagem masculina é negadora de sujeitos, fato este que se aprendeu e está se aprendendo a perceber por meio da luta organizada das mulheres que reivindicam serem nomeadas e consideradas. As reflexões apresentadas são oriundas de estudos teóricos e inserção no Movimento de Mulheres Camponesas.

Palavras-chave: Freire, mulheres, oprimidos.

ABSTRACT:

This article is an approach to the recognition of women in Freire from the meeting of the works *Pedagogy of the Oppressed*, *Pedagogy of Autonomy* and *Pedagogy of Hope*. The author presents reflections on how language is denying male subjects, a fact that has been learned and is learning to see through the organized struggle of women who claim to be nominated and considered. The reflections presented are from theoretical and insertion in the Movement of Rural Women.

Keywords: Freire, women, oppressed.

Este ensaio se propõe a enfocar alguns aspectos da obra *Pedagogia do Oprimido* no encontro com *Pedagogia da Esperança* de modo especial, sendo que

¹ Mestranda em educação nas ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul – UNIJUI, graduada em pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS, militante do Movimento de Mulheres Camponesas.



esta última trás como um dos recortes as mulheres, as quais até então eram diluídas na generalização, inclusive na linguagem masculina.

O objetivo é dar continuidade a reflexões elucidando as mulheres como diferentes, além de desiguais no âmbito das classes sociais, afirmando-as como sujeitos que passam a ser reconhecidas com direito a identidades próprias. O esforço feito neste sentido é tentar dar voz às mulheres, as quais Freire se dispôs a aprender possibilitando visibilidade em nome da diversidade a ser considerada. Exercício este, a partir do mundo dos “condenados da terra.”

Dispor-se a ir ao encontro sempre pareceu um exercício constante para Freire como educador popular, pesquisador e aprendente. E diante disso a presença assumida da curiosidade e da rigorosidade, da ética, da coerência, do compromisso, da conjugação da teoria com a prática.

A partir da docência assumida com paixão e de inserção na vida do povo sofrido Freire conseguiu encarnar, e talvez *encarnificar*² a questão feminina. As mulheres então foram reconhecidas com rosto dentre os oprimidos que ele descreveria, fato este segundo ele, que se deu após receber inúmeras cartas de mulheres feministas. Elas haviam lido Pedagogia do Oprimido e além de outras de suas primeiras produções, e disseram não se sentir incluídas quando ele falava aos homens e dos homens. Como esta questão foi considerada relevante, humildade aceitou as críticas e respondeu da seguinte forma :

Em certo momento de minhas tentativas, puramente ideológicas, de justificar a mim mesmo, a linguagem machista que usava, percebi a mentira ou a ocultação da verdade que havia na afirmação: “Quando falo homem a mulher está incluída”. E porque os homens não se acham incluídos quando dizemos: “As mulheres estão decididas a mudar o mundo?” Nenhum homem se acharia incluído no discurso de nenhum orador ou no texto de nenhum autor... (FREIRE, 2000, p. 67).

² Criação minha, utilizada no sentido de possibilitar carne aos ossos, até então secos, que passam a poder se levantar.



Em Pedagogia do Oprimido as escritas sobre a inconclusão do ser humano vão da conceituação às retomadas sempre de novo para dizer da sua importância. Frente a isso, ao reconhecer a importância da especificidade do rosto feminino, Freire admitiu-se inacabado, o que, em via de regra é um tanto penoso, tanto é que explicita sua resistência num primeiro momento mediante a alegação: “quando falo homem, a mulher está necessariamente incluída”.

Saber-se inacabado e inacabada é uma possibilidade de rever posições frente ao mundo, aos seres humanos e ao planeta. Não é à toa que dentre suas obras, encontra-se Pedagogia da Esperança, como complementação e retomada do que havia escrito em Pedagogia do Oprimido. De outro modo, as mulheres começaram a ser percebidas porque se colocaram em luta organizada na América Latina, especialmente, do final da década de 70 em diante, e desta forma forçaram serem visíveis e nomeadas.

Houve e ainda há críticas em nome do marxismo, com relação as escritas de Freire, sendo que ele as acolheu, formulando respostas e/ou defendendo suas posições. Uma das principais críticas segundo o próprio Freire é com relação a luta de classes, como se esta teria sido esquecida ou abandonada por ele ao evidenciar o tema da cultura. Constatamos que boa parte das acusações não se fundamentaram, basta ler e apreender sobre o chão o qual falava e sobre o qual pisava Paulo. Com relação a elucidação das mulheres como sujeitos nomeados por ele, não foi nada tranquilo, mesmo nas décadas de 1980 e 90, tampouco é atualmente em pleno século XXI. Evocá-las na sua especificidade com direito a dizerem que são diferentes, ainda soa muito mal em muitos espaços, pois implica em compartilhamento de poder. Segundo Gebara (2002) as mulheres em luta exigem reapropriação de um poder que é delas e que no momento está ocupado por outro, por isto é conflituoso.

Mesmo nos dias atuais, em muitos espaços e locais a presença feminina parece causar certo incômodo sendo que isto aparece, inclusive, no campo das esquerdas, tanto na política partidária quanto ao que se refere a postos de trabalho que implicam em poder. Com relação a este fato, se imagina que tal conflito é



evidenciado neste espaço devido a lutas desencadeadas desde aí. A partir das reivindicações gerais do povo, então, as mulheres buscavam e buscam poder falar e ser atendidas em suas demandas específicas como mulheres e não mais tendo o masculino como parâmetro.

Querer e falar de direitos, poder e empoderamento,³ parece ser algo mais complexo do que se pensava, vista que não foi e não é aceito pacificamente, pois significa mexer em algo que até então “sempre foi assim.” Na década de 70 muitas mulheres já estavam participando de algumas questões da vida pública, do mercado de trabalho, mas daí querem também assumir tarefas consideradas importantes, significava exigir rever as regras do jogo e “mexer em time que estava ganhando” do ponto de vista masculino. Quando Gebara fala da necessidade de reapropriação, de poder e de conflito, é exatamente disto que se trata.

De outra parte, à direita este conflito parece menor porque a delimitação das mulheres já está posta e sedimentada em grande medida. Elas podem quase tudo dentro da “ordem.” Aliás, tudo aparece muito bem encoberto para que não transpareça contradições próprias à direita, como se fosse possível. Em nome do patrimônio e das aparências como modelo a ser seguido, as mulheres devem seguir a ordem capitalista, a qual está entrelaçada ao patriarcalismo.⁴

Na década de 80 no Brasil e América Latina as demandas populares eclodiram e o desejo de reconstruir a democracia era quase que generalizada. Digase de passagem que foram feitas grandes construções em vista da revolução em que se acreditava, mas as lutas específicas com suas pautas trazidas pelas mulheres e outros grupos considerados minorias continuavam secundarizadas.

Segundo Pañuelos en Rebeldía (2007) as mulheres exiladas na Europa, por causa da luta contra a ditadura militar, eram proibidas de se reunirem para debater

³ Com a eclosão da luta feminista, que já não se podia negar a presença e a voz das mulheres.

⁴ Patriarcalismo – se estabelece com base na superioridade masculina (patris-pai- poder) entre 20.000 a 10.000 anos A.C, quando a sociedade primitiva dá lugar à sociedade escravocrata, já com o germe do capitalismo. (segundo Muraro, 2004).



seus problemas específicos. Foram acusadas de dividirem a luta e ameaçadas de não mais receberem ajuda financeira tanto a si, como suas às famílias necessitadas na América Latina. Diante deste fato constatou-se que nem a educação popular, ainda que clandestinizada, tampouco a teologia da libertação, tiveram força o suficiente para pautar as mulheres e suas demandas no clamor por libertação. Buscava-se combater a ditadura e construir o socialismo. Destruir qual ditadura? Construir qual socialismo, e para quem? A leitura de que as mulheres necessitariam ter direito a palavra, reconhecimento e poder, só aconteceu mais tarde com lutas e reivindicações coletivas organizadas. A citação a seguir contribui no questionamento:

Agora me pergunto se a incapacidade do socialismo de abrir espaço para a agenda feminista – para realmente adotar esta agenda à medida que emerge naturalmente em cada história e cada cultura – seria uma das razões pelas quais o socialismo não poderia sobreviver como sistema (MÉSZÁROS, 2002, p. 290).

Ainda na década de 1980 no Brasil com a redemocratização fruto da luta popular, as mulheres mostraram maior força de organização e conquistaram alguns espaços. Inclusive as camponesas tiveram direito de reconhecimento da profissão com a Constituição Federal de 1988. Mas, para conseguirem avançar no campo dos direitos tiveram que fortalecer movimentos feministas e criar organizações de mulheres por mais progressistas que se diziam partidos políticos, sindicatos e movimentos sociais mistos da época.

Como se pode perceber, as mulheres como sujeitos continuaram à margem, sob uma escala andropocêntrica, que as fazia invisíveis junto aos negros, negras, indígenas, homossexuais, chamados de minorias. E se foram invisibilizadas e invisibilizados como poderiam reivindicar seus direitos? Freire mais tarde como já afirmado, conseguiu enxergar estas pessoas como dignas de serem ou se tornarem sujeitos. Os evidencia em nome do multiculturalismo ressaltando a importância das diferenças, sem negar ou diminuir a luta de classes. É por isto que em determinada



ocasião afirma: “a luta de classes não é o motor da história mas certamente é *um* deles.” (2000, p. 91)

Outra questão fundamental em Freire é o diálogo, o qual tem como exigência o amor ao mundo e aos outros e outras, devendo ser permissivo de dizer a palavra. E, daí afirmar que “A palavra abre a consciência para o mundo das consciências, em diálogo, portanto” (1987, p. 19). Vale ressaltar que quando fala em diálogo, diz que este é possível entre os iguais, e nunca numa relação de opressor (a)- oprimido(a).

Neste sentido não poderia-se deixar de elucidar a importância dos significados da linguagem nos dizeres e ouvires das palavras. A linguagem expressa aquilo que tem-se construído até então, ou aquilo que admite-se existir bem como a forma de como os humanos se relacionam com as coisas e entre si mesmos. Sabe-se, porém, que a linguagem utilizada, quase que de forma hegemônica no planeta, desconsidera mais da metade da humanidade, fazendo de conta que uma parte não existe. Para ilustrar:

A língua expressa tradições patriarcais de quem a fala, os usos misóginos do léxico e da gramática pretendem nos simplificar, e simplificar as palavras e seus conteúdos; nesta espécie “em si” se acaba mutilando a humanidade já que uma parte substancial dela não é nomeada. Assim, nós mulheres somos devoradas por uma operação que se postula “inofensiva”, “neutra”, “genérica” e “inclusiva”; e este ato violento e cotidiano acaba desmistificando-nos individual e coletivamente. (PAÑUELOS EN REBELDÍA, 2007, p. 118).

Em diálogo entre Pañuelos e Freire, como síntese poderá se concluir que “Ninguém pode ser, autenticamente, proibindo que os outros sejam.” (1987, p. 75). Contudo, as mulheres mais do que nunca precisam continuar suas exigências, pois as contradições da sociedade não permitem avanços num crescente.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Parece urgente a partir das lutas explicitadas pelas mulheres, que está na hora das palavras começarem a abrir o mundo para uma nova consciência, onde se



assumir na diferença, não signifique incômodo ou estorvo. O diálogo será possível quando os considerados e consideradas diferentes poderão dizer suas palavras.

Há muitos melindres no ato de dizer a palavra e talvez por isto Freire muito ressaltou. Como ele já havia percebido, dizer a palavra nem sempre significa dizer a palavra verdadeira, contextualizada e transformadora. Tantas vezes os considerados diferentes e minorias estão nos espaços de debates, mas ainda há quem fale por eles e elas. Há quem faz de conta que eles e elas não disseram nada ou ainda, distorcem suas palavras fazendo de conta que falaram o contrário por causa das relações de poder estabelecidas.

É por isso que das palavras à escrita daquilo que foi contando a história há uma enorme lacuna, que pode ser analisado do ponto de vista da ética.

A ética de que falo é a que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais como na perversão hipócrita da *pureza em puritanismo*. A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. (FREIRE, 2004, p. 24).

Freire costumava dedicar suas obras a inúmeras pessoas com quem compartilhava ensinamentos e aprendizados. Imagina-se que muitos aprendizados vieram desde o campo da educação popular e suas gentes. Apesar dos muitos avanços da sociedade, tanto da política quanto das tecnologias, vive-se num tempo em que ainda é bastante difícil fazer o exercício de alargar as reflexões e as críticas em vista de fazer emergir ou explicitar a diversidade. Ainda parece tão automático o pensamento mono e/ou dicotômico sendo que com isto nega-se muitas bonitezas porque não se sabe como lidar com o multi e o diverso.

Por vezes o fato da exigência de fazer pensar diferente para muitos e muitas que se dizem freireanas e freireanos, também incomoda e desestabiliza, pois desestrutura concepções e provoca mudanças de comportamento. Mas, quando há disponibilidade de fazer o esforço, uma vez que sabe-se da inconclusão, já é um passo importante. Se há consciência de que a linguagem pode tanto limitar como



alargar os pensares e os fazeres, poderá surgir o compromisso ético de atuar de modo diferente como e com sujeitos.

Assumindo tal compromisso, o mesmo poderá remeter para além do discurso à prática coerente, ou se estaria sendo conivente com o não ser sujeito de “tantas e tantos” sem rosto e sem nome, reproduzindo a sociedade colonialista e discriminatória.

Sendo assim, mulheres e homens precisam estar em condições de diálogo, algo que a elas foi negado durante milhares de anos na sociedade patriarcal. Dá-se para afirmar, no entanto, que muito recentemente se analisado a história, as mulheres têm se colocado em cenário de luta se fazendo ouvir. Não que iniciaram suas reações recentemente, mas a violência e o ocultamento sobre elas foi tão grande que demorou serem percebidas. Estão portanto, reaprendendo a dizer suas palavra aprendendo a pensar que podem e devem dizer suas palavras e junto a isto, exigindo serem reconhecidas nas suas diferenças e especificidades.

Aprender ler o mundo para transformá-lo começa desde as pequenas ações e exercícios cotidianos, os quais podem e devem fazer parte de lutas maiores em prol de causas de oprimidos e oprimidas. Entende-se ser educador e educadora em espaços para além das salas de aulas, como forma de amar o mundo, as pessoas e estabelecer diálogos com palavras que não negam tampouco excluem.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Série especial MST. São Paulo. Paz e Terra, 2004.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 32ª. Ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da Esperança*. Um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 7ª. Ed. São Paulo. Paz e Terra, 2000.

GEBARA, Ivone. *Cultura e Relações de Gênero*. São Paulo: Cepis, 2002.

PAÑUELOS EN REBELDÍA. *Hacia Una Pedagogia Feminista*. Gêneros y Educación Popular. Buenos Aires. América Libre, 2007.